

Gláucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre **Inclusão 2**



Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	<p>Diálogos sobre inclusão 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-363-7 DOI 10.22533/at.ed.637192805</p> <p>1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 361.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 24 capítulos do volume II, apresenta estudos relacionados a inclusão social com propósito de cooperar para que profissionais, educadores e toda sociedade possam contribuir para elaboração de políticas públicas que garantam as mesmas oportunidades a todos.

Apesar do nosso país ser conhecido por sua diversidade e pluralidade cultural, o problema da exclusão social atinge várias camadas da sociedade e entender como solucioná-las é tarefa complexa, que envolve diferentes esferas sociais interligadas.

Embora estejamos no Século XXI, com um cenário tecnológico e de informação em grande avanço, ainda a condição do acesso aos direitos fundamentais e de igualdade não atingem a quem mais precisa.

Estar atento às possibilidades, é inerente a todos os equipamentos da sociedade e, para isso, o trabalho conjunto entre Instituições educacionais, ONGs e organizações públicas e privadas, se tornam essenciais. Seja no acesso a informação ou cumprimento das leis que asseguram o acesso a igualitário de todos.

Esperamos que esta obra possa inspirar e incentivar a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Glaucia Wesselovicz
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A EQUIDADE NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE PICOS-PI	
Shearley Lima Teixeira Paulo Fernando Mafra de Souza Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6371928051	
CAPÍTULO 2	11
A CONSTRUÇÃO DE UM NAPNE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO COLÉGIO PEDRO II	
Cintia Tavares Ferreira Celeste Azulay Kelman	
DOI 10.22533/at.ed.6371928052	
CAPÍTULO 3	23
A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: UM PANORAMA DOS ACADÊMICOS DE LETRAS DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI	
Luiza Valdevino Lima Daniela Valdevino Lima Luciana Maria de Souza Macedo Geórgia Maria de Alencar Maia Ana Patrícia Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6371928053	
CAPÍTULO 4	31
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM FOCO NA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO NAPNE	
Amanda de Almeida Soares Karla Percília da Silva Fortes	
DOI 10.22533/at.ed.6371928054	
CAPÍTULO 5	37
A GESTÃO PEDAGÓGICA E O PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DE ALUNOS CEGOS: UM ESTUDO DE CASO	
Alexandre Ribeiro da Silva Geandra Claudia Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6371928055	
CAPÍTULO 6	52
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO, INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE NO PIBIC: UM ESTUDO SOBRE A UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO	
Vera Borges de Sá Laís Bezerra Ferraz Pedro Botelho Cynthia Maria Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6371928056	

CAPÍTULO 7	64
APAE: DAS CONCEPÇÕES FILOSÓFIAS ÀS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM RIO BRANCO - ACRE	
Maria Auxileide da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6371928057	
CAPÍTULO 8	76
AS ESPECIFICIDADES DO TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR	
Ana Paula Silva Andrade Jorge Ana Luiza Barcelos Ribeiro Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.6371928058	
CAPÍTULO 9	84
CENTRO DE ATENÇÃO AO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL (CADE): UMA REDE DE APOIO NA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA EM SANTO ANDRÉ-SP	
Amanda Sousa Batista Do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6371928059	
CAPÍTULO 10	94
CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA A EFETIVAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR	
Cristiane de Fatima Costa Freire Francileide Batista de Almeida Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.63719280510	
CAPÍTULO 11	105
DISCUTINDO A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA	
Maria das Dores Trajano da Silva, Fernanda Araújo Tavares Sabino Alice Lima da Silva Thayná Souto Batista Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.63719280511	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: VISLUMBRANDO DESAFIOS POSSÍVEIS	
Rejane Gomes Ferreira Isandra de França Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.63719280512	

CAPÍTULO 13	122
EDUCAÇÃO NO BRASIL: O USO DAS CONCEPÇÕES INCLUSIVAS E AS PROPOSTAS INTERDISCIPLINARES DENTRO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Luandson Luis Da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Joel Nunes De Farias Aldair Viana Silva de Alcaniz Nadjeana Ramalho da Silva Elaine Cristina Meireles Silva Elenith Jussier de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva Hosana Souza de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.63719280513	
CAPÍTULO 14	134
EDUCACIÓN HOSPITALARIA, VOCES DESDE UNA EDUCACIÓN SENTIDA	
Priscilla Cabrera Huichalaf José Guillermo Reyes Rojas	
DOI 10.22533/at.ed.63719280514	
CAPÍTULO 15	142
FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ESTUDANTES SURDOS	
Polliana Barboza Fernando Rodrigues Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.63719280515	
CAPÍTULO 16	152
ESTUDO DE CUNHO ETNOGRÁFICO DA EXPERIÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR: SIGNIFICADOS E EVIDÊNCIAS	
Ana Cristina Silva Soares	
DOI 10.22533/at.ed.63719280516	
CAPÍTULO 17	163
GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	
Amanda Drzewinski de Miranda Eliza Ribas Gracino Nilcéia Aparecida Maciel Pinheiro Sani de Carvalho Rutz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63719280517	
CAPÍTULO 18	178
INCLUSÃO, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: MÚLTIPLOS OLHARES	
Walkiria de Fátima Tavares de Almeida Daniel González González	
DOI 10.22533/at.ed.63719280518	

CAPÍTULO 19	187
O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO CAMINHO PARA DIMINUIR O RACISMO NA ESCOLA	
<p>Maria Leonilde da Silva Allan Kardec Alves da Mota Karla Janaina Barbalho Maciel Cátia Silene da Silva Araújo Pereira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280519	
CAPÍTULO 20	199
O LEDOR DIANTE DOS ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA	
<p>Antônio Ferreira de Melo Júnior</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280520	
CAPÍTULO 21	210
O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE CAMPINA GRANDE - PB	
<p>Débora Aragão Bezerra</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280521	
CAPÍTULO 22	215
OLHARES E PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A INCLUSÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS	
<p>Géssika Cecília Carvalho da Silva Márcia Rafaella Graciliano dos Santos Viana Elidiane Lemos do Nascimento Michele Santana de Oliveira Elisnando Correia Ferreira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280522	
CAPÍTULO 23	226
SABERES DA EXPERIÊNCIA DE MULHERES LABIRINTEIRAS DA COMUNIDADE DE REDONDA/CE	
<p>Eliane Cota Florio Stenio de Brito Fernandes Geraldo Mendes Florio Magnólia Maria Oliveira Costa Ana Lúcia Oliveira Aguiar</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280523	
CAPÍTULO 24	236
TRABALHO DOCENTE, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS PROCESSOS DE EXCLUSÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<p>Sabrina Araujo de Almeida Judith Perez Ferreira Pedro Humberto Faria Campos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280524	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	248

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO, INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE NO PIBIC: UM ESTUDO SOBRE A UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Vera Borges de Sá

Universidade Católica de Pernambuco
Recife-PE

Laís Bezerra Ferraz

Universidade Católica de Pernambuco
Recife-PE

Pedro Botelho

Universidade Católica de Pernambuco
Recife-PE

Cynthia Maria Pereira da Silva

Universidade Católica de Pernambuco
Recife-PE

RESUMO: O estudo tem por objetivo apresentar opiniões de estudantes de Iniciação Científica no ensino superior, a respeito dos conceitos de Altas Habilidades/Superdotação, inteligência, criatividade e motivação, referendados à luz da Teoria dos Três Anéis de Joseph Renzulli; e, no Modelo de Enriquecimento Extracurricular, proposto por esse mesmo estudioso. Considera que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), muito se assemelha com os tipos de Enriquecimento Extracurricular II e III propostos por Renzulli, mesmo com algumas ressalvas. Metodologicamente a pesquisa é de natureza qualitativa-descritiva com o intuito de perceber a natureza da compreensão de conceitos. O principal instrumento foi um questionário-aberto,

aplicado a uma amostra não-probabilística formada por estudantes de cursos variados da Universidade Católica de Pernambuco. Assume por pressuposto, que o PIBIC é um reduto para o qual convergem estudantes com altas habilidades/superdotação, apesar destes desconhecerem a conceptualização desses indicadores, ou tampouco se reconhecerem como pessoas com esse perfil.

PALAVRAS-CHAVE: Altas habilidades/Superdotação; Ensino Superior; PIBIC.

1 | INTRODUÇÃO

A questão das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) no Brasil é considerada uma matéria no campo da Educação Inclusiva, por sua vez legitimada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996. O Conselho Nacional de Educação – CNE afirma que, atualmente, esses discentes se encontram à margem do sistema educacional, sem receberem o devido atendimento especializado.

“Além desse grupo, determinados segmentos da comunidade permanecem igualmente discriminados e à margem do sistema educacional. É o caso dos superdotados, portadores de altas habilidades, “brilhantes” e talentosos que, devido a necessidades e motivações específicas – incluindo

a não aceitação da rigidez curricular e de aspectos do cotidiano escolar – são tidos por muitos como trabalhosos e indisciplinados, deixando de receber os serviços especiais de que necessitam, como por exemplo, o enriquecimento e aprofundamento curricular. Assim, esses alunos muitas vezes abandonam o sistema educacional, inclusive por dificuldades de relacionamento. ” (CNE/CEB 17/2001, p.7)

O Brasil é signatário juntamente com outras nações para garantir direitos fundamentais do ser humano, inclusive quando possuidor de condição especial. Dessa forma, são as declarações internacionais que consubstanciaram o Brasil a formular sua LDB de 1996, em consonância com as questões da dignidade e da condição especial já enunciadas mundo à fora. Mesmo com todo esse compromisso assumido internacionalmente, as políticas e as práticas educacionais de atendimento aos cidadãos especiais caminham lentamente, e como interesses públicos pontuais.

O desconhecimento das instituições de Ensino sobre a questão das Altas habilidades/Superdotação, é regra e não a exceção, seja para identificar essas pessoas, ou proceder com orientação pedagógica segura sobre as habilidades das mesmas. Consideramos AH/SD a face mais complexa da Educação Especial no contexto da inclusão. A deficiência quase nos é visível, mas indicadores de AH/SD, não se apresentam objetivamente como marca no corpo das pessoas tampouco são aspectos puramente quantificáveis.

Tal situação de identificação e trato pedagógico inclusivos para pessoas com AH/SD, agravou-se com a promulgação da Lei de 31 de dezembro de 2015, publicada no Diário Oficial da União, e assinada pela presidenta Dilma Rousseff. Essa lei veio estabelecer definitivamente a obrigatoriedade de cadastramento das pessoas com Altas Habilidades/Superdotação nos níveis de ensino Fundamental, Médio e Superior, seja nas instituições de ensino público ou privado.

Mas então o que é essa coisa chamada AH/SD? Renzulli (1986) define a superdotação como “os comportamentos que refletem uma interação entre os três grupamentos básicos dos traços humanos sendo esses: a) habilidades gerais e/ou específicas acima da média; b) elevados níveis de comprometimento com a tarefa; e c) elevados níveis de criatividade. As pessoas superdotadas e talentosas são aquelas que possuem e/ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e que os aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. A intenção de Renzulli é transmitir a ideia de que o indivíduo superdotado não precisa manifestar todos os três anéis. Mas, por possuí-los potencialmente, seria capaz de, em algum momento, expressá-los.

A Teoria dos Três Anéis significa uma quebra do paradigma que afirma a inteligência baseando-se apenas em testes de QI. Renzulli preocupou-se com um conceito abrangente e inovador, e com a prática do ensino para pessoas com AH/SD. Criou um modelo de atividades para o desenvolvimento da superdotação, para ser aplicado fora da sala de aula. Isso surgiu a partir do resultado de suas pesquisas a respeito da avaliação de programas para superdotados e da observação das práticas

educacionais propostas. A sua sugestão de práticas de atividades para superdotados, denominou de Modelo Triádico de Enriquecimento (Renzulli, 1977). O Modelo Triádico compreende: 1) atividades exploratórias gerais (TIPO I); 2) atividades de treinamento em grupo (TIPO II); e 3) investigações de problemas reais, realizadas individualmente ou em pequenos grupos (TIPO III).

O Enriquecimento do Tipo I, segundo Renzulli (1997), consiste em “experiências e atividades exploratórias ou introdutórias destinadas a colocar o aluno em contato com uma ampla variedade de tópicos ou áreas de conhecimento, que geralmente não são contempladas no currículo regular.”. Favorece o contato do aluno com a diversidade de tópicos que não estão inseridos na ementa escolar e que despertem o seu interesse e a sua curiosidade.

Nas atividades de enriquecimento do Tipo II o objetivo é desenvolver nos alunos habilidades de “como fazer”, instruindo-os na investigação de problemas. Para isso, são utilizados métodos, materiais e técnicas que contribuem para o desenvolvimento de elevados níveis de pensamento, aguçam suas habilidades criativas, críticas e científicas.

No Enriquecimento do Tipo III, a abordagem principal dos trabalhos, é essencialmente um mecanismo de aprendizagem indutiva e qualitativamente diferente das experiências de aprendizagem oferecidas na maioria das situações escolares, sendo esse Tipo III muito defendido por Renzulli. Renzulli propõe o equilíbrio entre métodos dedutivos e indutivos para aprendizagem de pessoas com AH/SD.

Neste Enriquecimento III os alunos são estimulados a investigarem problemas reais utilizando métodos de investigação científicos que exigem de suas habilidades, produzem conhecimento novo propondo a solução destes problemas ou favorecem a apresentação de um produto ou serviço (Renzulli, 1997).

O professor, no Tipo III, tem o papel principal de ajudar os alunos a encontrar e focalizarem em problemas autênticos, buscando substituir a aprendizagem passiva e mecânica pela aprendizagem independente, engajada e criativa.

Assumimos por pressuposto, nesta pesquisa, que a Teoria dos Três Anéis e o Modelo Triádico de Renzulli (2004), favorecem compreender que o PIBIC é uma atividade extracurricular com características do Tipo II e III. Porém, o PIBIC apresenta suas limitações em relação ao Modelo Triádico de atividades propostas por Renzulli, por não ser algo tão emancipatório do ponto de vista da expansão do conhecimento criativo e motivação com a tarefa, para o estudante bolsista.

A Universidade possui atividades Extracurriculares que têm contribuído para que o estudante do Ensino Superior desenvolva outras potencialidades além das atividades de testagem do ensino-aprendizagem que são realizadas em sala de aula, nos parâmetros do cumprimento curricular. Algumas dessas atividades extracurriculares são a Monitoria, a Extensão e a Pesquisa. No âmbito da pesquisa, a Iniciação Científica é a mais conhecida atividade, merecendo o foco de nossa atenção no Projeto desenvolvido, pois tem o objetivo de selecionar estudantes com notas acima

da média para fazer parte desse Programa. Isso nos coloca diante da possibilidade de considerar como premissa principal de nosso trabalho, que o PIBIC é um polo para onde devem convergir estudantes com AH/SD, com o perfil de tipo acadêmico, pressupondo que os mais capazes em áreas específicas nos Cursos, para ali são convidados. Isso não quer dizer que todos os estudantes bolsistas sejam pessoas com AH/SD, mas que sejam principalmente diferenciados na manifestação de seu conhecimento, cujo desempenho acadêmico foi reconhecido por seus professores.

Segundo o Manual do usuário do PIBIC a iniciação científica é um instrumento que permite introduzir os estudantes de graduação potencialmente mais promissores na pesquisa científica. É um instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa e constitui um canal adequado de auxílio para a formação de uma nova mentalidade no aluno. Podendo ser definida como um instrumento de formação de recursos humanos qualificados. Segundo Simão (1996), o conceito de IC foi construído no interior das universidades brasileiras como uma atividade realizada durante a graduação, na qual o aluno é iniciado no “jogo” da ciência e vivencia experiências vinculadas a um projeto de pesquisa, elaborado e desenvolvido sob orientação de um docente.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa constitui-se como um estudo de natureza qualitativa, e faz uso de amostragem não – probabilística, respeitando dois critérios para responder ao instrumento de coleta de dados, que foi um questionário aberto. Esses critérios foram: a) ser bolsista do PIBIC, voluntário ou não; b) estar inserido atualmente ou já ter feito parte do programa.

O questionário foi aplicado para estudantes de PIBIC – UNICAP, nessa primeira fase, para 15 estudantes que pertencem aos cursos de Engenharia Química (2) e Engenharia Civil (1), Jogos Digitais (4), Psicologia (3), História (2), Filosofia(1) e Letras(2). Como a amostra não era probabilística, contatamos estudantes que se dispuseram para responder ao questionário, através da indicação dos professores-orientadores e também pelos colegas do curso. O questionário foi enviado através do e-mail de cada um deles. Todos receberam nomes fictícios na análise de suas respostas, e assinaram o termo de livre consentimento, para divulgação dos resultados. A pesquisa continua sendo realizada com outros estudantes dos vários cursos da UNICAP.

A composição do questionário abrangeu 6 (seis) blocos temáticos de conceitos, contendo subcategorias desses conceitos, para os estudantes darem suas opiniões. Esses foram: a) conceito de motivação e gosto ao PIBIC: opinião sobre a motivação para entrar no PIBIC; opinião do que mais gosta do PIBIC; opinião que justifica a permanência no PIBIC; b) conceito do valor atribuído ao desempenho por nota:

opinião acerca da questão da nota como escolha principal de seleção ao ingresso no PIBIC; c) conceito acerca do comprometimento com a tarefa: opinião a respeito do significado do que é comprometimento com o PIBIC; d) conceito de inteligência e AH/SD: opinião sobre a definição de inteligência; opinião em relação a definição de AH/SD; opinião sobre a consideração de existência de Pessoa com AH/SD nos PIBIC's; opinião acerca da caracterização de pessoas com AH/SD no PIBIC; opinião a respeito autoidentificação como pessoas com AH/SD; e) conceito sobre criatividade: opinião sobre a importância da criatividade para Iniciação Científica.; opinião em relação caracterização de um estudante de PIBIC com criatividade; opinião sobre o papel do orientador no PIBIC para a criatividade; f) conceito acerca do PIBIC como contribuição aos talentos: opinião em relação do PIBIC voltado para o aperfeiçoamento de talentos.

Assim, a análise de conteúdo das questões respondidas foi feita à luz dos princípios de Bardin, permitindo a elaboração de categorias e subcategorias.

3 | RESULTADOS

Para este artigo, enfocamos opiniões que foram resultado de alguns dos nossos Relatórios de Pesquisa mais recentes, apesar da pesquisa já cobrir opinião de estudantes de outros cursos, como os acima citados. Aqui apresentamos opiniões de estudantes do PIBIC, dos cursos de Engenharia (Química e Civil), Jogos Digitais e Psicologia. Eis os conceitos selecionados.

Conceito sobre motivação

Opiniões do que mais gosta do PIBIC

Ao serem questionados os estudantes de Engenharia, sobre o que mais gostam de fazer nos seus projetos de PIBIC, dois terços dos respondentes consideram que o que mais apreciam no projeto de Iniciação Científica é, principalmente, a troca de conhecimentos com o grupo de pesquisa do qual participam. Um terço refere-se à satisfação da Iniciação Científica demonstrando que o processo de pesquisa no laboratório é o que mais gosta. Temos, a seguir, como exemplos dessas duas linhas de pensamento, os depoimentos de duas estudantes. Ana, estudante de Engenharia Civil, que afirma: *“Participar em grupo durante todas as etapas do processo e podendo trocar conhecimentos com todos os envolvidos, observando um resultado esperado ou até mesmo ser surpreendida positivamente com a superação de todos os obstáculos para a realização do objetivo a ser almejado.”* Ao passo que Marina, de Engenharia Química, relata: *“O trabalho em laboratório, realizar os experimentos é muito satisfatório.”*

Para estudantes de Jogos Digitais e Psicologia, quando indagados sobre o que mais gostam de fazer no PIBIC, os estudantes, a maioria (6), entre os sete, ressalta que aquilo que mais gostam na sua inserção na Iniciação Científica está relacionado

a novos aprendizados de conhecimento, de novas tecnologias, domínio de conceitos e dados, e aperfeiçoamento dos projetos. Temos, por exemplo, o discurso três estudantes, que demonstram isso: *“Estudar novas técnicas em que ainda não era familiarizado e aplica-las no projeto”* (Romeu, curso de Jogos Digitais) e *“Realizar pesquisa, investigar as teorias e analisar os dados coletados”* (Cássio, curso de Psicologia). Também Lucas, na mesma direção afirma sobre o que mais gosta no PIBIC: *“A interpretação de dados. Se apoderar de dados brutos e imaginar, com base neles, o funcionamento da realidade exige não só uma boa dose de criatividade, mas também um profundo conhecimento da teoria que embasa a pesquisa – é necessário saber usar os conceitos com desenvoltura, recorrendo a eles sempre que a realidade permite e abstendo-se de usá-los quando ela não permite”*. A única estudante (1), que fez uma referência diferente, tratou dessa questão trazendo o aspecto da relação no seu grupo de pesquisa, como o aspecto que mais gosta. Seu gosto motivacional na Iniciação Científica consiste em apreciar os debates com os colegas e com sua orientadora, como ela mesma afirma: *“As orientações semanais que permitem a discussão dos achados e debate com os outros alunos e a professora orientadora.”* (Lisbela, curso de Psicologia).

Do ponto de vista teórico, sobre o significativo do conceito de Motivação em Renzulli, é que pessoas com AH/SD se sentem motivadas em realizar aquilo o que lhes apaixona, em termos de conhecimento. Dos depoimentos, percebe-se que Lisbela (Curso de Psicologia), manifesta um gosto muito especial, que se repete a cada semana, nos debates e na troca de informações teóricas. Esse gosto, e motivação pela tarefa acadêmica também se reflete em outros estudantes que querem aprofundar seus conhecimentos tecnológicos e científicos.

Conceito sobre inteligência e Altas Habilidades/Superdotação - AH/SD

Opiniões sobre Definição de inteligência

Sobre a definição de inteligência, quando perguntados sobre o que consideram como inteligência, os respondentes tiveram três dimensões diferenciadas quanto ao seu conceito de inteligência. Um terço afirma que inteligência é uma aptidão individual, inata e que precisa de um estímulo exterior para se desenvolver. Outro terço afirma que é a habilidade de aplicar o conhecimento nos desafios propostos. Por fim, a última dimensão afirma que inteligência é o que consegue ser produzido ou criado através do conhecimento e multiplicado com o meio, ou seja, um conhecimento que produz outro de grande importância para a sociedade. Vejamos três depoimentos que exemplificam bem as dimensões concluídas, respectivamente: *“Para mim, inteligência é uma capacidade inerente a todos, porém exige exercício para desenvolvê-la.”* (Juliana, Engenharia Química); *“É a habilidade de saber lidar com os desafios propostos aplicando conhecimentos adquiridos.”* (Marina, Engenharia Química); De uma forma que muito se aproxima ao que Renzulli propôs, Ana, estudante de Engenharia Civil,

afirma: *“É o armazenamento de conhecimentos aliado à elaboração de conceitos e expressão da reflexão crítica, com o objetivo de multiplicar os próprios conhecimentos, juntamente com as demais pessoas envolvidas no meio acadêmico e social.”*

Na análise de inteligência dada pelos respondentes de Jogos Digitais e Psicologia, pouco mais de dois terços (5) consideram que a inteligência se refere à capacidade de resolver problemas de ordem cognitiva, ou de ordem prática, ou ainda uma capacidade para adaptação ao meio em que vivem. Vejamos, dois desses depoimentos: *“É a capacidade de resolver qualquer problema/necessidade, de forma criativa e as vezes sustentáveis.”* (Napoleão, Jogos Digitais) e *“São as habilidades de resolver problemas, sejam eles de ordem prática ou cognitiva, e articular diferentes soluções.”* (Lisbela, Psicologia). Apenas um dos estudantes, afirma que a inteligência é uma medida quantitativa de avaliação de conhecimento das pessoas, lembrando a ideia de Q.I, como declara: *“Inteligência para mim é espécie de medida que mensura o quanto de conhecimento sobre um ou vários assuntos que as pessoas possuem.”* (Cássio, Psicologia).

É interessante observar como os estudantes tem uma percepção que a inteligência inclui significa um amplo comportamento que inclui capacidade de raciocínio, e resolução de problemas cognitivos ou não da vida prática. Contudo, o estudante de Psicologia, Cássio, tem uma medida muito restrita do significado de inteligência fazendo uma relação imediata de medidas quantitativas de conhecimento.

Opiniões sobre Autoidentificação como Pessoas com AH/SD

Quando indagados a respeito do fato de se auto reconhecerem ou não como pessoas com AH/SD, os estudantes manifestaram um certo constrangimento para se identificarem como pessoas superdotadas. Consideram que as atividades que fazem são produtos do seu esforço comum a várias pessoas e porque apresentam dificuldades na realização delas. Vejamos um depoimento que define bem o que foi dito: *“Não, porque desempenho atividades de formam comum sem que pareça que tenho muita facilidade em fazer isso.”* (Juliana, Engenharia Química). Ao mesmo tempo consideram que em alguns momentos conseguem ultrapassar o seu próprio conhecimento quando compartilham com os outros. Como afirma, Ana, estudante de Engenharia Civil: *“Superdotada não diria, mas esforçada para alcançar os resultados positivos durante todas as etapas acadêmicas, sim. Procuo desenvolver ao máximo todas as habilidades utilizando o conhecimento como ferramenta de extrema necessidade para a troca com o meu mundo acadêmico, respeitando a hierarquia e a experiência dos meus professores e colegas mais experientes.”* Tratando-se de estudantes de Jogos Digitais e Psicologia, acerca do questionamento feito sobre a autoidentificação dos estudantes como pessoas que possuem AH/SD, aqui notamos interessantes ideias. Porém, mais da metade (4) afirmou que não possuía AH/SD, se identificando como alunos dentro da média “esperada”. Como dito por José (Jogos Digitais) *“Não. Não vejo nada em mim que justifique isso.”* E, por Lisbela (Psicologia) *“Não. Acho que minhas habilidades estão dentro da média dos demais alunos.”* Outra tendência foi

negar, mas ao mesmo tempo se autoidentificar. Um (1) estudante reconheceu que não tinha, mas estranhamente, afirmou ter habilidade acima da média. Foi Lucas (Psicologia): *“Não. Embora eu tenha minhas áreas de interesse, em que apresento uma facilidade maior, não considero essas facilidades como superdotação, apenas como uma variação acima da média de um perfil que é regular, se avaliado como um todo”*. Uma espécie de “acho que tenho, mas não quero afirmar objetivamente”. Porém, o destaque está para dois estudantes que tiveram coragem de se perceberem como tal, ainda que guiados por um senso comum, na definição do que é pessoa com AH/SD. Apresentam ideias equivocadas. Confundem sua capacidade para realizações cognitivas, como características fundamentais de AH/SD. Como afirmado por Romeu (Jogos Digitais): *“Considero-me uma pessoa que tem bastante vontade de aprender e que também tem uma grande facilidade e rapidez em aprender as coisas, portanto me considero sim, uma pessoa com altas habilidades/superdotação”*. O segundo que se identificou como pessoa com AH/SD, por que parte do pressuposto que a condição de AH/SD é algo desenvolvido apenas com o estímulo de atividades intelectuais, e que é um processo que se constrói por mérito. Com o PIBIC, estaria quase conquistando esses indicadores. Assim, opina Napoleão quando afirma: *“No momento não, mas estou caminhando para tal. Logo quando entrei no PIBIC, eu não sabia o que era um artigo. Após estar no PIBIC, produzi três artigos, participei de diversos eventos dentro e fora do estado”*. E continua considerando AH/SD como algo construído por si mesmo: *(...) Isso tudo foi graças ao meu esforço, mas é obvio que se não fossem os meus orientadores, eu não teria conquistado tantos objetivos assim. Hoje eu posso dizer que tenho bastante criatividade para pensar em soluções criativas, além de buscar como resolver problemas do cotidiano.”* (Napoleão, Jogos Digitais).

Conceito sobre criatividade

Opiniões sobre a caracterização de um estudante de PIBIC com criatividade

Ao serem questionados sobre o que seria um aluno de Iniciação Científica com criatividade, dois terços dos respondentes afirmam que é aquele capaz de resolver problemas de forma diferenciada, inovadora, vencendo as adversidades. Por sua vez, um terço dos respondentes considera que ser criativo consiste na complexidade de misturar vários processos no contexto da Iniciação Científica e ao mesmo tempo se fazer diferenciado. Esses processos se referem a habilidade de lidar com o projeto de pesquisa para si mesmo e em relação ao grupo, usar de maneira inovadora os instrumentos de pesquisa, ser capaz de socializar ideias e ao mesmo tempo ter soluções inteligentes no grupo. Vejamos alguns depoimentos: *“Geralmente são pessoas que sabem lidar com destreza e habilidade diante das etapas de conclusão de um projeto de pesquisa ou de atividades acadêmicas realizadas em equipe. O tempo é um elemento fundamental durante o processo para a conclusão das etapas do cronograma estabelecido. A criatividade no uso de instrumentos/ferramentas adequados, troca*

de ideias com os demais, também ajuda no momento em que for necessário refletir, calcular, encontrar caminhos e apontar soluções em tempo hábil. Isso faz uma grande diferença.” (Ana, Engenharia Civil); *“É um aluno que cria soluções para possíveis problemas de forma incomum e inovadora.”* (Juliana, Engenharia Química).

Esse tipo de resposta revela que o conceito de criatividade toca alguns aspectos de Renzulli com relação à capacidade de descobrir novos e diferentes caminhos, assim como também aponta para o conceito de liderança dentro do próprio grupo de pesquisa quando o criativo tende a se revelar como alguém que socializa soluções e resultados.

Conceito sobre como o PIBIC contribui para os talentos acadêmicos

Opiniões sobre a contribuição do PIBIC para o aperfeiçoamento de talentos

Para todos os respondentes, o PIBIC é uma ferramenta que de fato contribui para potencializar talentos à medida que estimula a curiosidade, enseja uma oportunidade para prosseguir na vida acadêmica e favorece experiências para o estudante aprofundar o que ele traz em termos de habilidades próprias. Vejamos alguns depoimentos: *“Ele instaura o sentimento de curiosidade, instigando sempre a buscar mais.”* (Marina, Engenharia Química); *“O Pibic é uma alavanca propulsora para o aluno que pretende dar continuidade aos seus conhecimentos acadêmicos, contribuindo ainda para o desenvolvimento pessoal, profissional e social de cada indivíduo. Oferta profissionais de alto conhecimento acadêmico e que se prontificam a dividir esse conhecimento com os demais alunos com o perfil necessário para um bom desenvolvimento acadêmico para ambos.”* (Ana, Engenharia Civil)

4 | DISCUSSÃO

A Concepção da Teoria dos Três Anéis defende que a definição de Superdotação não faz referência a apenas um único aspecto, é preciso analisar a interação de três dimensões, como bem mencionado, habilidade acima da média, criatividade e o comprometimento com a tarefa. É interessante observar como os estudantes tem uma percepção de que inteligência é medida quantitativa de conhecimento. Dão um significado de amplo comportamento que inclui capacidade comum a todos, na resolução de problemas cognitivos; ou também da vida prática, assim como uma habilidade para agir diante aos desafios. Entretanto, a estudante de Engenharia Civil, Ana, traz uma definição de inteligência coincidente com a proposta por Renzulli, que considera que é aquilo capaz de desenvolver produtos de relevância social.

Do ponto de vista teórico, o conceito de Motivação em Renzulli, aponta que pessoas com AH/SD se sentem motivadas para realizar aquilo que gostam de forma apaixonada, não sendo diferente em termos de conhecimento. O gosto, e motivação pela tarefa acadêmica quer seja permanecer num laboratório por muito tempo, ou coletar

dados, também se reflete em outros estudantes que, ao participarem da pesquisa, simplesmente se sentem imensamente satisfeitos por compartilhar conhecimento e discutirem os temas de estudo com os colegas de projeto.

Também foi possível perceber que a maioria dos estudantes não considera o critério de 'nota acima da média' como escore determinante de inteligência, pois acreditam que fatores psicológicos, por exemplo, podem influenciar na realização de exames de avaliação. Isso nos leva a entender que, como Renzulli defendia, a inteligência não deve ser apenas categoria determinada por um único critério, como nota acima da média, mas sim uma interação de fatores (Teoria da Concepção dos Três Anéis).

Observamos que a palavra Superdotação ainda assusta estudantes que porventura tenham esses indicadores. Apenas uma estudante reconhece o seu conhecimento como esforço próprio e como sendo uma capacidade de potencializar ao máximo suas habilidades de forma a contribuir com as pessoas que estejam a sua volta. Na teoria de Renzulli uma pessoa com AH/SD possui dificuldades em algumas áreas e apresenta-se diferenciada no seu comportamento com habilidades acima da média, o que lhe diferencia dos pares. O significado de Superdotação não representa na Teoria dos Três Anéis um conhecimento sobre todas as áreas, como pensam os estudantes. Isso remete a um significado do senso comum de que superdotado é alguém que está próximo a genialidade.

5 | CONCLUSÃO

A partir dos pressupostos da Pesquisa por ora levantados, que possui o caráter de uma análise qualitativa, buscamos estabelecer quais as relações de semelhança do PIBIC, como atividade Extracurricular, com o Modelo de Enriquecimento Extracurricular dos Tipos II e III de Renzulli.

A constatação sobre a definição de Iniciação Científica que nos é oferecida no Manual do usuário do PIBIC, permite-nos confirmar que o PIBIC é uma atividade Extracurricular muito semelhante ao que Renzulli propõe para os estudantes com superdotação. Aqueles que conseguem permanecer nesse Programa, sentem-se motivados e satisfeitos, e reconhecer o PIBIC como catalizador de seus talentos, tem grandes possibilidades de ser considerados como pessoas com indicadores de AH/SD de tipo acadêmico.

As não semelhanças do Tipo III de Enriquecimento Extracurricular proposto por Renzulli, comparando-o o PIBIC, é que este, rarissimamente consiste num Projeto pessoal do estudante, onde o prazer e dedicação se confundem. Além do mais, Projetos PIBIC nem sempre possuem relevância social, como Renzulli defende para o Tipo III.

O Modelo Triádico de Enriquecimento, propõe que instituições de ensino

identifiquem talentos e os desenvolva. Defende programas de atividade extracurricular que garantam a oportunidade, recursos e encorajem os estudantes para uma produção autônoma, criativa e de relevância tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

Por fim, foi possível perceber que projetos de pesquisa auxiliam no desenvolvimento pessoal, por submeter o aluno a um planejamento e organização diferenciados, além de colocar o aluno em contato com diferentes áreas do conhecimento. Os estudantes têm consciência de que o PIBIC é um meio que promove esse desenvolvimento como um reduto convidativo para os estudantes habilitados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: edições 70, 2009

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961: fixa as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 05 março 2016.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971: Fixa diretrizes e bases para o ensino do 1º e 2º graus**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 05 março 2016.

Brasil (1999). **Inep. EFA 2000 Educação para Todos: avaliação do ano 2000**. Informe nacional: Brasília, INEP.

Brasil (2006). **Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação**. Documento Orientador: Execução da Ação. Brasília, MEC/SEESP.

Brasil (2007). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (Vol. 1, 2, 3, 4)**. Brasília, SEESP. Recuperado em 10 de março, 2011, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12679%3Aa-construcao-de-praticas-educacionais-para-alunos-com-altas-habilidadessuperdotacao&catid=192%3Aseesp-esdudacao-e-special&Itemid=860.

Brasil (2008). **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP. Recuperado em 10 de março, 2011, de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>.

Brasil. **CNE/CEB. Resolução 4, 2009**. Recuperado em 10 de março, 2011, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2135&Itemid.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 06 mar 2016.

Brasil. **Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução 02/2001**. Recuperado em 10 de março, 2011, de http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_b.pdf.

Brasil. **Declaração de Salamanca**. Recuperado em 10 de março, 2011, de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.

Manual do usuário PIBIC - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico—CNPq. Disponível em <http://www.prp.rei.unicamp.br/pibic/congressos/xicongresso/cdrom/html/MANUAL%20USUARIO%20PIBIC%20CNPq.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

MASSI, L. e QUEIROZ, S.L. – **Estudos sobre Iniciação Científica no Brasil: Uma Revisão** - Caderno de Pesquisa, 2013 – publicações.fcc.org.br. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/192/210>. Acesso em: 19 fev. 2017.

RENZULLI, J.S. **A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a produtividade criativa**. In: VIRGOLIM, Ângela M. R.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon (Org.). Altas habilidades, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar. Campinas (SP):Papirus, 2014.

_____. **O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de 25 anos**. Disponível em: <http://www.revistaeletronica.pucsrs.br/teo//ojs/index.php/faced/article/view/375>. Acesso em: 20 de junho, 2018.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-363-7

